

# Duas terracotas da I Idade do Ferro da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)

---

\* UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Francisco B. Gomes\*

**Resumo** O presente contributo constitui o primeiro estudo monográfico aprofundado de duas terracotas exumadas por Vergílio Correia na década de 1920 na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). Correspondem a duas representações de bovídeos, uma razoavelmente completa e a outra em estado muito fragmentário, que pelo seu contexto e tipologia se podem enquadrar numa etapa tardia da I Idade do Ferro. A sua análise permite ampliar o panorama da produção iconográfica do território meridional português durante o período em apreço, bem como discutir a seriação das representações de bovídeos documentadas nesta região ao longo do I milénio a.n.e.

**Abstract** This contribution constitutes the first in depth monographic study of two terracottae retrieved by Vergílio Correia during the 1920's in the necropolis of Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). These represent bovines, one fairly complete while the other is very fragmentary, and their context and typology suggest they belong to a late stage of the Early Iron Age. The analysis of these pieces enlarges the panorama of the iconographic production in the southern Portuguese territory during the period under analysis, and allows for the discussion of the overall seriation of the bovine representations documented in this territory throughout the first millennium B.C.

## 1. A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires: breve introdução

A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (OSM), situada sensivelmente um quilómetro a ocidente do povoado subjacente aos actuais Castelo e Centro Histórico de Alcácer do Sal (Fig. 1), constitui sem dúvida o mais intensamente estudado dos conjuntos funerários da Idade do Ferro do sul do actual território português.

A longa história da investigação sobre a necrópole alcacerense remonta, com efeito, aos finais do século XIX (Silva, 1875; cf. tb. Veiga, 2005 [1891]), embora o estudo sistemático da necrópole, nomeadamente através de trabalhos de escavação controlados, não se tenha iniciado até aos anos 1920, quando V. Correia realizou um importante conjunto de intervenções que, apesar de nunca terem sido sistematicamente publicadas, permitiram traçar um quadro de referência que marcou decisivamente toda a história posterior da investigação (Correia, 1925a [1972], 1925b [1972], 1925c [1972], 1928 [1972], 1930 [1972]).

Os trabalhos deste investigador, que lhe permitiram exumar uma quantidade muito significativa de depósitos funerários — ao que tudo indica, mais de uma centena — resultaram no estabelecimento de uma tipologia funerária abrangente composta por quatro tipos (Correia, 1928 [1972]) — sepulturas de incineração em urnas depositadas em fossas escavadas no terreno (1.º Tipo), sepulturas de incineração em urnas depositadas em fossas escavadas na rocha (2.º Tipo), sepulturas de incineração *in situ* em fossas simples escavadas na rocha (3.º Tipo) e sepulturas de incineração *in situ* em fossas de secção escalonada igualmente escavadas na rocha (4.º Tipo).

Esta assinalável diversidade de soluções funerárias não voltaria a documentar-se em intervenções posteriores, o que torna os testemunhos de V. Correia fundamentais para uma correcta compreensão da complexidade da sequência de utilização da necrópole.

Após estas primeiras intervenções verificou-se um hiato na exploração da necrópole, pontuado contudo por um conjunto de estudos de materiais que deram a conhecer parte dos espólios recolhidos quer no século XIX quer durante as campanhas de escavação dos anos 1920 (Arthur, 1951; Almeida & Ferreira, 1962; Pereira, 1962; Schüle, 1969).

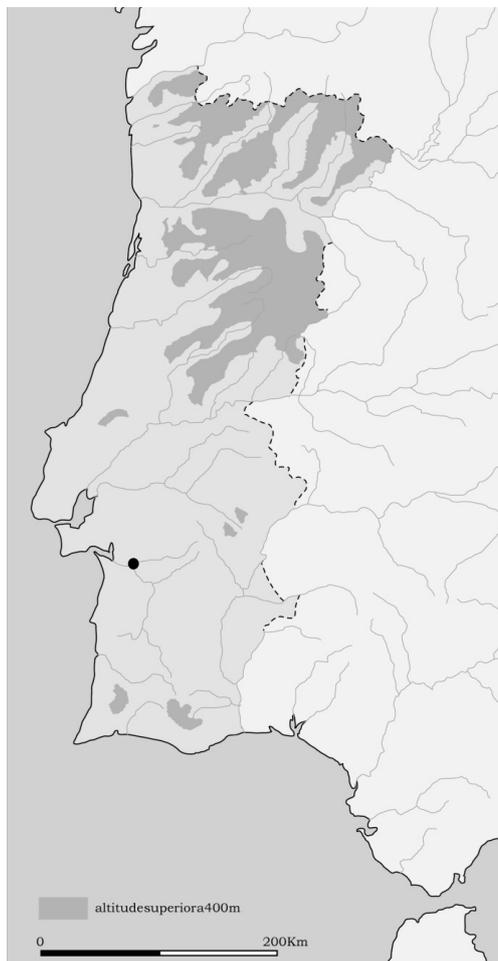
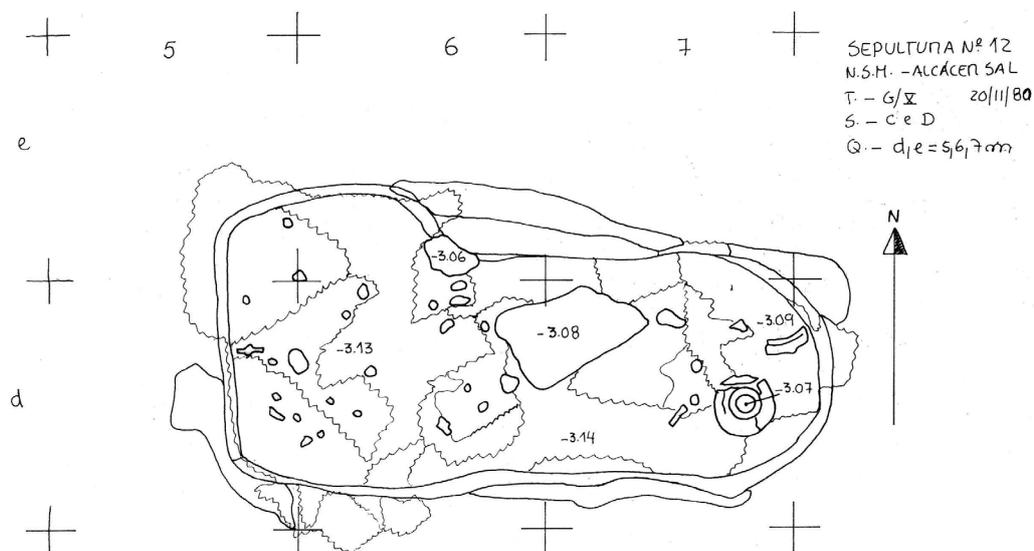


Fig. 1 – Localização do Olival do Senhor dos Mártires no actual território português (base cartográfica do Professor Doutor Victor S. Gonçalves).

Os trabalhos de campo, contudo, não se retomariam até ao final da década de 1960, desta feita sob a direcção de A. Cavaleiro Paixão, que realizaria várias campanhas no sítio até aos inícios da década de 1980 que, apesar de uma vez mais incompletamente publicadas, contribuíram com um volume muito significativo de dados para o conhecimento das fases mais antigas da necrópole (Paixão, 1970, 1983, 2014).

Posteriormente, o conhecimento sobre este conjunto funerário foi ainda incrementado por novos estudos de classes de materiais concretas (Ponte, 1985; Rouillard & alii, 1988–1989; Frankenstein, 1997) e, sobretudo, por um conjunto de trabalhos de síntese que permitiram estabelecer uma ordenação geral da informação disponível e estabelecer uma primeira abordagem à sequência e faseamento da necrópole (Fabião, 1998, pp. 350–366; Torres Ortiz, 1999, pp. 114–115; Arruda, 1999–2000, pp. 72–86; cf. tb. Gomes, 2015).

Fig. 2 – Um exemplo de uma sepultura do 3.º Tipo: a Sepultura 12/80 (planta inédita de A. Cavaleiro Paixão, recolhida em Gomes, 2016).



Estes trabalhos incidiram, contudo, sobre uma base documental que, apesar de extensa, era ainda muito incompleta, sendo decisivamente limitada pela seletividade com que os espólios do OSM haviam sido estudados nas décadas precedentes. Uma parte significativa do material exumado durante os vários episódios de escavação no sítio permanecia, com efeito, inédita, lacuna que só muito recentemente se pôde suprir através de um primeiro estudo integral dos espólios ali recolhidos (Gomes, 2016). Foi precisamente no contexto desse estudo que as peças objeto do presente artigo puderam ser reapreciadas, pretendendo-se com este contributo proceder pela primeira vez à sua publicação monográfica e à sua valorização no contexto da produção iconográfica da I Idade do Ferro do sul de Portugal.

## 2. As terracotas do OSM: descoberta, contexto, características e funcionalidade

### 2.1. Descoberta, estudo e contexto

As duas terracotas que constituem o objeto do presente estudo foram exumadas durante os já comentados trabalhos de escavação realizados na necrópole de Alcácer do Sal durante os anos 1920. Com efeito, e ainda que não tenha chegado a publicá-las de forma circunstanciada, V. Correia menciona de forma explícita a existência de terracotas na necrópole (Correia, 1928 [1972], p. 176), que correspondem sem dúvida às peças aqui estudadas.

De acordo com este investigador, estas terracotas proviriam de sepulturas pertencentes ao seu 3.º Tipo, isto é, a *busta* de perfil simples escavados na rocha (Fig. 2). Assim, ao descrever os espólios das sepulturas deste grupo, refere a existência de «...alguns bovídeos de barro, cujos membros desligados se encontravam disseminados por toda a área da mancha negra» (ibidem), tendo assim podido comprovar que estes elementos foram depositados na própria pira funerária, tendo sofrido a ação do fogo, dado que a análise direta das peças permite confirmar.

Infelizmente, após esta breve nota, as terracotas do OSM caíram num relativo esquecimento, não sendo praticamente referenciadas na investigação desenvolvida sobre a necrópole até aos anos 1990. Já durante esta década uma das peças aqui analisadas, depois de uma intervenção de restauro significativa, integrou a exposição *De Ulisses a Viriato: o 1.º Milénio a.C.* no Museu Nacional de Arqueologia, tendo sido publicada uma descrição sumária e uma foto da mesma no respectivo catálogo (AA.VV., 1996, p. 254).

Estas peças foram também referenciadas nalgumas das sínteses dedicadas à necrópole a partir do final daquela década (Fabião, 1998, p. 356; cf. tb. Cardoso & Arruda, 2016, p. 203 e Fig. 9), embora remetendo unicamente para a já citada referência de V. Correia, dado que a ausência persistente de estudos sobre os materiais do OSM não permitia quantificar exatamente as peças referenciadas por aquele investigador nem caracterizá-las de forma mais detalhada.

Esta lacuna só viria a ser suprida no quadro da já citada reapreciação dos espólios do OSM (Gomes, 2016, pp. 225–229), que além de ter possibilitado uma caracterização mais detalhada das terracotas referidas por V. Correia, permitiu igualmente compreender que, contrariamente ao que a passagem antes citada poderia fazer pensar, as terracotas não são de modo algum recorrentes na necrópole, reduzindo-se com efeito a dois exemplares, um relativamente completo e outro em bastante mau estado de conservação (cf. *infra*).

Ainda assim, e não obstante essa relativa imprecisão, que bem pode ter sido motivada pelo estado fragmentário das peças aquando do seu achado e que é de resto expectável dado o carácter muito preliminar do artigo em que se enquadra, o já citado testemunho de V. Correia continua a constituir o único elemento disponível para contextualizar estas peças, mesmo que de forma bastante genérica.

Assim, e como ficou dito, V. Correia referencia as peças em estudo ao descrever os espólios das sepulturas do seu 3.º Tipo (Correia, 1928 [1972], p. 176), que continham, além das peças em apreço, recipientes cerâmicos, entre os quais se contavam, de acordo com os testemunhos de V. Correia (1928 [1972], p. 176), parte dos púcaros de cerâmica manual, comum e cinzenta recentemente estudados (Gomes, 2016, pp. 85, 108–110, 163–164), bem como outros recipientes de mais difícil caracterização.

Ainda ao nível do repertório cerâmico, os inventários destas sepulturas incluíam também pratos de engobe vermelho, lucernas de um só pico e cossoiros (Correia, 1928 [1972], p. 126; Gomes, 2016, pp. 329–332).

No que toca aos materiais metálicos, podem atribuir-se a esta tipologia sepulcral um conjunto de brincos de ouro de tipo *nazm*, bem como fechos de cinturão de tipo dito “tartésico” e fíbulas de tipo anular hispânico (Correia, 1928 [1972], p. 126), bem como diversos elementos de armamento, nomeadamente lanças de folha curta e facas afalcatadas de tipos difíceis de determinar (Correia, 1928 [1972], p. 126).

Assim, e apesar de apresentarem algumas dificuldades quanto à sua datação, as sepulturas deste tipo podem enquadrar-se sem reservas de maior na I Idade do Ferro (Fabião, 1998, pp. 355–356; Arruda, 1999–2000, p. 81; Gomes, 2015, 2016, pp. 329–332), podendo

afirmar-se, com base nos espólios já comentados, que o seu período de vigência se terá prolongado entre os finais do século VII e os inícios/meados do V a.n.e., constituindo a tipologia sepulcral predominante, senão mesmo exclusiva, durante a segunda metade do século VI a.n.e. e os inícios da centúria seguinte (Gomes, 2016, pp. 329–332).

Infelizmente, e com os dados hoje disponíveis, não é contudo possível determinar a que momento específico dentro desta diacronia relativamente lata pertencem as peças aqui estudadas, embora como adiante se verá os seus paralelos formais e estilísticos permitam aduzir alguns dados mais sobre o enquadramento cronológico destas terracotas.

## 2.2. Descrição técnica e formal

Como ficou dito acima, as duas figurações de bovídeos em terracota exumadas no OSM por V. Correia apresentam estados de conservação muito diferenciados. Assim, uma das peças, apesar de muito fragmentada, apresenta-se relativamente completa, o que permitiu a sua remontagem e restauro, enquanto a outra se reduz na prática a um fragmento, correspondendo a uma pata e parte do ventre. Como veremos, esta preservação diferencial poderá resultar, entre outros aspetos, da dimensão de cada uma destas peças e das técnicas utilizadas para a sua produção.

O exemplar mais bem preservado (Figs. 3–6) representa um bovídeo estante, possivelmente em marcha, do qual se conservam o corpo, as duas patas traseiras e a pata dianteira esquerda; a cabeça encontra-se também



Fig. 3 – Terracota restaurada do Olival do Senhor dos Mártires (1) (fotografia de B. Barros).

Fig. 4 – Terracota restaurada do Olival do Senhor dos Mártires (2) (fotografia de B. Barros).



Fig. 5 – Terracota restaurada do Olival do Senhor dos Mártires (3) (fotografia de B. Barros).



parcialmente preservada, faltando-lhe contudo a sua parte superior, e nomeadamente a cornamenta. A peça parece ter sido modelada manualmente, apresentando uma feição relativamente tosca, ainda que as suas características revelem uma intenção naturalista mais ou menos clara.

Tal como se encontra hoje restituída, esta terracota apresenta um comprimento máximo de

22 cm e uma largura máxima de 9,8 cm (correspondente aos membros dianteiros); a sua altura máxima é de aproximadamente 14,2 cm, contando isto é com os chifres tal como foram restituídos aquando do restauro desta peça.

Do ponto de vista da sua estrutura física, esta peça apresenta uma pasta não-calcária relativamente grosseira, contando com elementos não-plásticos proporcionalmente abundantes, de pequenas a médias e ocasionalmente grandes dimensões, sendo os mais característicos as plagioclases, de considerável tamanho, os nódulos de quartzo médios e grandes e as areias quartzíticas de pequenas dimensões, acompanhadas de lâminas de micas brancas e de ocasionais nódulos de óxido de Ferro. Regista-se também a presença de vacúolos abundantes e bem visíveis.

Esta terracota foi objeto de uma cozedura em ambiente oxidante, apresentando as suas superfícies tonalidades entre o cor-de-laranja claro e o castanho alaranjado. Certas áreas apresentam-se contudo fortemente enegrecidas pela ação do fogo, que deve certamente relacionar-se com a sua deposição na pira funerária, bem atestada como se viu pelos testemunhos de V. Correia (1928 [1972], p. 176), a qual terá também ditado o desmembramento da peça.

Passando a uma análise de índole formal, pode assinalar-se que a cabeça desta figura apresenta uma tendência marcadamente paralelepípedica, terminando num focinho subcircular onde se figurou a boca de forma muito esquemática por meio de uma linha incisa e as narinas, igualmente esquemáticas, mediante a realização de duas perfurações circulares de escassa profundidade (Fig. 6). Os olhos do animal foram representados mediante a aplicação de pequenas pastilhas de argila, técnica com paralelos na recentemente publicada terracota da necrópole de Cinco Réis 8 (Arruda, 2016a).

O corpo deste bovívdeo, maciço, apresenta, apesar da sua simplicidade, alguns traços que podem considerar-se tendencialmente realistas, começando pela própria volumetria e passando também pela representação proeminente da crista cervical, da barbela peitoral e da maçã do peito. Ao que tudo indica, a cauda do animal terá também sido figurada, embora atualmente só se preserve a protuberância da qual arrancaria.

Já no que diz respeito aos membros, os mesmos parecem ter sido realizados de forma um tanto mais expeditiva, notando-se uma menor atenção ao detalhe. Efetivamente, as patas que se conservam parecem ter constituído meros apêndices cilíndricos, de dimensões desiguais, sendo as patas dianteiras mais robustas, ao passo que as traseiras parecem algo mais delicadas. Esses apêndices foram rematados por cascos toscamente figurados, correspondentes na prática a meros espessamentos discoides realizados na extremidade dos rolos de argila utilizados para modelar as patas.

Quanto à segunda peça (Fig. 7), e como ficou dito, a mesma encontra-se infelizmente muito incompleta, conservando-se apenas um fragmento que, como também já foi comentado, corresponde a uma das patas — possivelmente a pata dianteira esquerda — e a parte da porção ventral do corpo. Tratar-se-ia ao que tudo indica de uma peça de grandes dimensões, apresentando o fragmento conservado um comprimento máximo de 14,7 cm e uma largura máxima de 11,3 cm, sendo a altura desta porção conservada de sensivelmente 12,1 cm. Por outro lado, e apesar do seu mau estado de conservação, esta peça evidencia um grau superior de elaboração técnica. Assim, e apesar de ter sido modelada também ela manualmente e de forma uma vez mais relativamente tosca, deteta-se nesta peça um maior cuidado tanto ao nível da conformação como do ponto de vista dos acabamentos.

Desde logo, a pasta é significativamente mais depurada que a do exemplar anteriormente descrito, apresentando ainda assim elementos não-plásticos frequentes, de pequenas e médias dimensões, repetindo-se de uma forma geral as inclusões presentes no primeiro exemplar, sendo a exceção os grandes nódulos de plagioclase, ausentes nesta segunda terracota; a matriz é, uma vez mais, não-calcária.

Esta peça foi igualmente sujeita a uma cozedura em ambiente oxidante, resultante em superfícies de tonalidade cor-de-laranja clara a bege alaranjada. Verifica-se ainda a presença nalgumas zonas da superfície exterior de vestígios de uma possível pintura ou aguada de coloração vermelha viva.

Do ponto de vista formal, o deficiente estado de conservação desta peça não permite tecer grandes considerações sobre as suas características estilísticas. Caberia ainda assim assina-



Fig. 6 – Terracota restaurada do Olival do Senhor dos Mártires; pormenor do focinho (fotografia de B. Barros).

lar que a técnica de elaboração parece ser distinta da registada na terracota antes descrita. No caso presente, o corpo do bovívdeo seria ao que tudo indica oco, tendo-se realizado mediante a modelagem de uma placa de argila, facto evidenciado não só pela configuração geral do fragmento preservado como também pela ausência de qualquer acabamento de superfície na face que corresponderia ao interior do animal. Esta técnica produtiva conta com um possível paralelo na já citada terracota da necrópole de Cinco Réis 8 (Arruda, 2016a).

Por outro lado, e apesar do mau estado da superfície externa da peça, parece apreciar-se, tal como no exemplo anterior, a figuração de uma barbeta peitoral bem vincada. Quanto ao único membro conservado, apresenta uma vez mais uma tendência genericamente cilíndrica, registando-se neste caso um ligeiro espessamento médio, correspondente à articulação. Por outro lado, e ao contrário da peça anterior, nesta segunda terracota a represen-



Fig. 7 – Terracota fragmentária do Olival do Senhor dos Mártires (fotografia de B. Barros).

tação do casco foi executada de forma razoavelmente cuidada, figurando-se em particular as fendas anterior e posterior desta parte da anatomia bovina.

### 2.3. Função das terracotas no contexto funerário do OSM

Como se pode apreciar pela descrição antes ensaiada, estas duas peças apresentam características técnicas muito diferenciadas, evidenciando nomeadamente um grau de elaboração formal e um nível de investimento muito distintos, que se detetam não apenas nas suas díspares dimensões mas também, como ficou dito, na própria elaboração e acabamento de cada um destes elementos.

Não obstante, parece claro que ambas as terracotas aqui estudadas cumpriram uma mesma função no contexto dos depósitos funerários que integravam, tendo servido de oferendas funerárias depositadas sobre a pira no momento da cremação, tal como demonstrado quer pela descrição da sua posição nas sepulturas, já comentada (Correia, 1928 [1972], p. 176), quer pelas marcas de fogo que, como ficou dito, são ainda perceptíveis na superfície das próprias peças.

Neste sentido, caberia recordar que estas peças foram já interpretadas como uma substituição simbólica das oferendas cárnicas atestadas nas sepulturas do 4.º Tipo, ditas de “canal central” (Fabião, 1998, p. 356). Com efeito, a deposição de peças de carne nas sepulturas daquele tipo encontra-se bem documentada (Correia, 1928 [1972], p. 178; Paixão, 1970), tendo-se ainda recentemente publicado o estudo das faunas exumadas na necrópole, onde os restos de bóvidos são efetivamente predominantes (Cardoso & Arruda, 2016, p. 201).

Não obstante, a ideia de uma substituição global das oferendas cárnicas por representações coroplásticas dos animais correspondentes deve ser matizada em função de dois dados concretos: por um lado, a escassa quantidade de terracotas reconhecidas — significativamente inferior em número, ao que tudo indica, às incidências documentadas de oferendas cárnicas —, e, por outro, a existência de um período dilatado de convivência entre ambas as tipologias sepulcrais a que preferencial-

mente se associam as oferendas de viático (4.º Tipo) e as oferendas coroplásticas (3.º Tipo).

Assim, a aceitar-se esta hipótese, caberia pensar num processo de substituição algo mais individual e casuístico, que poderia resultar ou de fatores económicos, visto que a realização de uma terracota representaria um esforço económico inferior ao abate de uma rês, ou de escolhas individuais do defunto e da sua família, cujas motivações nos escapam. À falta de dados contextuais finos não é possível avaliar os méritos relativos de cada uma destas possíveis explicações. O que contudo parece claro é que estas substituições, a terem existido, terão tido uma natureza pontual e quantitativamente residual no âmbito da necrópole.

Por outro lado, não pode obviar-se a possibilidade de que, para lá de um eventual carácter de oferendas substitutivas, as peças em apreço tenham sido incorporadas neste âmbito funerário por razões de ordem mais intrínseca, relacionadas com a esfera simbólica. Com efeito, estas peças, mobilizadas no contexto dos rituais funerários realizados na necrópole alcacerense, podem igualmente ser analisadas à luz de um quadro conceptual mais amplo: o da produção iconográfica da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular e dos seus contextos de uso.

### 3. As terracotas do OSM no contexto da produção iconográfica da I Idade do Ferro

Durante a I Idade do Ferro, a parte meridional da Península Ibérica, e muito em particular o seu quadrante sudoeste, assistiu ao desenvolvimento de uma rica e polifacetada produção iconográfica, fortemente influenciada por modelos e motivos orientais difundidos no Extremo Ocidente através da interface colonial e comercial fenícia (Le Meaux, 2011).

Esta florescente produção iconográfica, que abrange distintas tradições artesanais — com destaque para a coroplastia (Beirão & Gomes, 1984), a torêutica (Jiménez, 2002), a ourivesaria (Nicolini, 1991; Perea, 1991; Correia, Parreira & Silva, 2013), a pintura vascular (Belén & alii, 2004; Le Meaux, 2011, pp. 43–47), a eborária (Aubert, 1978, 1980, 1980–1981; Almagro, 2008), e a escultura (Almagro & Torres, 2010, pp. 366–396; Chapa & Vallejo, 2012) — não é naturalmente homogénea, verificando-se importantes variações locais e regionais,

mas representa ainda assim uma *koiné* mais ou menos reconhecível, que oferece um primeiro nível de contextualização para as peças que aqui nos ocupam.

Um segundo e terceiro níveis de enquadramento prendem-se com dois aspetos mais concretos: o do motivo iconográfico representado nas peças em apreço, por um lado, e o da tradição artesanal específica em que se englobam.

Começando por este último aspeto, caberia assinalar que as terracotas do OSM se enquadram numa tradição de produção coroplástica que parece especialmente característica, durante a I Idade do Ferro, do sul do atual território português, e mais concretamente da área do Baixo Alentejo (Beirão & Gomes, 1984) (Fig. 8). Esta produção parece estar especialmente vinculada à esfera funerária, uma vez que a totalidade das peças conhecidas provém de contextos de necrópole (cf. *infra*).

Do ponto de vista temático, esta produção engloba essencialmente representações zoomórficas, entre as quais caberia destacar os ornitomorfos, isentos — caso das peças das necrópoles da Chada, Ourique (Beirão, 1986, Fig. 32) e de Corte Margarida, Aljustrel (Deus & Correia, 2005) —, formando parte de elementos mais complexos — caso da possível tampa da necrópole do Cerro do Ouro, Ourique (Beirão & Gomes, 1984, p. 252) —, ou decorando o bordo de recipientes cerâmicos — caso das peças das necrópoles de Palhais, Beringel (Santos & *alii*, 2009, p. 770), da Carlota, Trigaches (Salvador & Pereira, 2012), e de Cinco Réis 8, Beringel (Arruda, 2016b). Esta produção inclui também representações de outros animais. Pode citar-se, por exemplo, um prótomo de felino ou *carnassier* exumado na necrópole da Fonte Santa, Ourique (Beirão, 1986, Fig. 15).

Mais interessantes contudo para o presente estudo são as duas figurações de bovídeos atualmente conhecidas: por um lado, um *rython* ou mascarão recolhido na já citada necrópole da Fonte Santa (Beirão, 1986, Figs. 16 e 17) e, por outro, uma representação isenta de produção extremamente cuidada recolhida recentemente na também já mencionada necrópole de Cinco Réis 8 (Arruda, 2016a) (cf. *infra*). A este inventário somam-se agora as duas peças do OSM em análise.

Este conjunto de peças coroplásticas, apesar de apresentar uma significativa heterogeneidade estilística, revela ainda assim um con-

junto de características comuns que merecem ser salientadas. Desde logo, e como ficou dito acima, este grupo apresenta uma relativa coerência temática, podendo notar-se que a série dos animais representados, bastante limitada, coincide, pelo menos em parte, com o elenco das espécies mais representadas na iconografia orientalizante peninsular (Almagro & Torres, 2010, pp. 375–386; Le Meaux, 2011, pp. 32–53).

Também do ponto de vista funcional parece existir uma relativa unidade, já que, como ficou dito, a totalidade das peças conhecidas provém de ambientes funerários. Finalmente, pode ainda notar-se, nos casos das peças providas de contexto, uma significativa coerência cronológica, podendo os exemplares citados enquadrar-se num período centrado essencialmente no século VI a.n.e., com eventuais perdurações na centúria seguinte (cf. Arruda, 2001).

Não podem contudo obviar-se as evidências de uma continuada produção coroplástica no interior baixo-alentejano já durante a II Idade do Ferro, de que são exemplo as peças de Beja (Grilo, 2007, Fig. 11) e sobretudo as do Depósito de Garvão (Beirão & *alii*, 1985). Não obstante, as eventuais continuidades e descontinuidades culturais entre as tradições coroplásticas destes dois períodos permanecem por analisar em profundidade.

De qualquer modo, todos os critérios antes mencionados levam a pensar que as citadas peças da I Idade do Ferro constituirão uma tradição coerente, ainda que não necessariamente unitária, própria do território baixo-alentejano durante as etapas iniciais da Idade do Ferro regional.

O enquadramento das peças do OSM nessa tradição, embora pareça plausível, deve contudo ser tomada com algumas reservas, já que, como é bem sabido, o desenvolvimento histórico de Alcácer do Sal durante o período em apreço é algo distinto do das regiões do interior do Alentejo, onde a consolidação da Idade do Ferro se produz em momentos mais tardios e seguindo pautas particulares (Beirão, 1986; Arruda, 2001).

Não obstante, as prováveis relações de Alcácer do Sal com o *hinterland* alentejano, nomeadamente por via do Sado que bem poderá ter servido como via de circulação privilegiada, poderiam explicar eventuais irradiações desta tradição coroplástica, o que viabilizaria a

Fig. 8 – Produção coroplástica da I Idade do Ferro do sul de Portugal: 1. Touro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal); 2. Touro da necrópole da Fonte Santa (Ourique) (seg. Beirão, 1986); 3. *Carnassier* da necrópole da Fonte Santa (Ourique) (seg. Beirão, 1986); 4. Ornitomorfos da necrópole da Chada (Ourique) (seg. Beirão, 1986); 5. Ornitomorfo (cisne?) da necrópole do Cerro do Ouro (seg. Beirão & Gomes, 1984); 6. Ornitomorfos da necrópole de Corte Margarida (Aljustrel) (seg. Deus & Correia, 2005); 7. Ornitomorfos da necrópole de Palhais (Beja) (seg. Arruda, 2016b); 8. Touro da necrópole de Cinco Réis 8 (Beja) (seg. Arruda, 2016a).



inclusão das terracotas aqui estudadas entre as manifestações dessa tradição artesanal. Finalmente, um terceiro aspeto fundamental para enquadrar as terracotas do OSM prende-se com a análise da incidência dos bovídeos na produção iconográfica da I Idade do Ferro do Sudoeste peninsular. Vimos já que este motivo se encontra bem representado na produção coroplástica, mas caberia ainda assim assinalar a sua importante presença noutras tradições artesanais (Arruda, 2016a, pp. 375–376). Cingindo a análise ao atual território português, merecem destaque as representações na torêutica (Jiménez, 2002, pp. 341–343), nomeadamente nas bem conhecidas tampas dos *thymiateria* de Safara, Moura (Almagro, 1977, pp. 245–250) e de Mourão (Correia, 1986). A estes poderia eventualmente somar-se uma peça de proveniência incerta, integrada na coleção da Biblioteca Nacional de Portugal (Alarcão & Delgado, 1969; Correia, 1990–1992, Fig. 3) e recentemente relacionado com a produção torêutica da própria

Alcácer do Sal (Gomes, 2008). Não obstante, esta peça diferencia-se estilisticamente dos *ex-votos* zoomórficos exumados no Castelo de Alcácer do Sal (Gomes, 2008) (cf. *infra*), apresentando ao invés características marcadamente “orientalizantes” (Correia, 1990–1992). Com efeito, o touro da Biblioteca Nacional tem evidentes similitudes ao nível da forma e do estilo quer com a peça coroplástica de Cinco Réis 8 (Arruda, 2016a), já mencionada, quer sobretudo com as representações escultóricas de touros presentes no Sul peninsular e recentemente reinterpretadas como parte de um horizonte cronológico “orientalizante” (Almagro & Torres, 2010, pp. 379–384; Chapa & Vallejo, 2012). Ainda ao nível da torêutica não pode deixar de se referenciar uma outra peça recolhida, sem contexto aparente, na Herdade de Corte Pereiro, em Alcácer do Sal, e dada a conhecer por M. Varela Gomes (1986), que se diferencia formalmente tanto das peças que encimam os *thymiateria* antes comentados como das peças da Biblioteca Nacional e de Cinco Réis

8, ao representar o animal estante e em posição de marcha. Esta situação revestir-se-á muito provavelmente de um significado cronológico, cabendo recordar que esta peça foi datada já da II Idade do Ferro (final do século V – inícios do IV a.n.e.) (Gomes, 1986, pp. 66–71).

Esta peça, pela sua pequena dimensão e relativa simplicidade formal, bem como pela sua cronologia, poderia por sua vez aproximar-se das seis representações de bovídeos reconhecidas entre o extenso conjunto de ex votos de bronze exumado no próprio Castelo de Alcácer do Sal (Gomes, 2008). Infelizmente o contexto destas peças é ainda insuficientemente conhecido, mas as evidentes similitudes formais entre este conjunto e os dos santuários Ibéricos do Sudeste e Levante peninsular (Nicolini, 1969; Prados, 1992) leva a pensar que a sua cronologia será também ela tardia, enquadrando-se também na II Idade do Ferro.

Finalmente, o touro da Herdade do Areeiro (Vila do Bispo) recolhido por Estácio da Veiga (1891 [2005], pp. 171–176) e posteriormente publicado por M. Varela Gomes (1986, p. 62 e Fig. 3), embora de contexto mal conhecido, poderia igualmente aproximar-se deste último grupo.

A série das representações iconográficas de bovídeos documentadas no atual território nacional (Fig. 9) parece assim encontrar em parte correspondência na tipologia recentemente proposta por M. Almagro e M. Torres (2010, pp. 379–384), documentando-se um pequeno núcleo, composto pelas peças de Cinco Réis 8 e da Biblioteca Nacional de Lisboa, que pode filiar-se no putativo *Protótipo A1* destes autores, sendo portanto paralelo ao seu *Tipo B*, derivado daquele. Do ponto de vista conceptual, estas peças apresentam também certa relação com o *Tipo A* ou *Grupo 2* definido para a escultura Ibérica por T. Chapa (1985, pp. 151–153, 1986, pp. 146–147). Outro núcleo englobaria as figuras dos *thymiatéria* de Safara e Mourão, assimiláveis ao *Protótipo A2* da tipologia de M. Almagro e M. Torres (2010, pp. 379–384).

Finalmente, o último grupo comentado, composto pela peça de Corte Pereiro e pelas do Castelo de Alcácer do Sal, corresponderia a um desenvolvimento mais tardio, próprio já da II Idade do Ferro. Curiosamente, este último grupo é o que mais se aproxima do modelo formal das duas terracotas aqui estudadas. Com efeito, o modelo estante simples que se

documenta no exemplar melhor conservado e ao qual a peça mais incompleta deverá também ter pertencido não se enquadra nos modelos “orientalizantes” ainda recentemente tipificados (Almagro & Torres, 2010, pp. 379–384). A postura estante é, pelo contrário, bem conhecida entre as esculturas taumomorfas Ibéricas, incluindo-se no *Tipo B* ou *Grupo 1* de T. Chapa (1985, pp. 151–166, 1986, pp. 144–157).

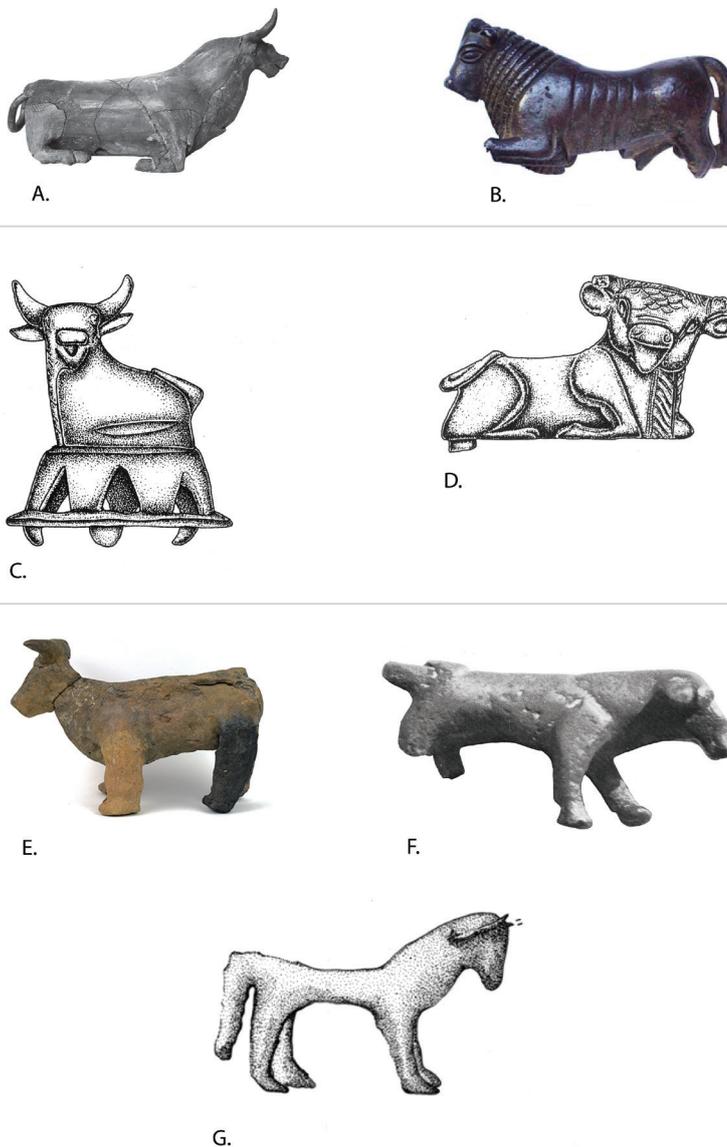
Em face deste facto, poderia propor-se uma cronologia tardia para as terracotas do OSM, que contudo o seu contexto genérico não permite suportar. Como já foi mencionado, as sepulturas do 3.º Tipo onde se terão exumado estas peças não ultrapassam em nenhum caso o segundo quartel do século V a.n.e., e não atingem seguramente a II Idade do Ferro.

Restaria assim pensar que as terracotas aqui estudadas terão constituído um protótipo a partir do qual se desenvolveria, direta ou indiretamente, a torêutica local já durante a segunda metade do I milénio a.n.e. Nesse sentido, caberia talvez enquadrar as peças do OSM num momento avançado da diacronia das sepulturas do 3.º Tipo, quiçá já de inícios do século V a.n.e., que corresponde na sequência de Alcácer do Sal ao momento terminal da II Idade do Ferro.

Finalmente, e transcendendo o âmbito estritamente nacional, caberia ainda salientar a profusão de representações de touros documentados tanto na torêutica (Jiménez, 2002, pp. 341–343; Graells, Jiménez & Nicolás, 2014) como noutras tradições artesanais durante a I Idade do Ferro, nomeadamente na escultura (Chapa, 2005; Almagro & Torres, 2010, pp. 379–384; Chapa & Vallejo, 2012), na eborária (Almagro, 2002) e na pintura vascular (Le Meaux, 2011, pp. 43–47). Note-se, por outro lado, a forte vinculação, uma vez mais, destas representações com os âmbitos funerário e religioso (cf., p. ex., Chapa, 2005, p. 38), que embora não sendo exclusiva permite refletir sobre o significado da associação dos bovídeos com estas esferas funcionais concretas.

Este constitui, com efeito, um quarto e último patamar de enquadramento para as terracotas do OSM. Como ficou dito no final do apartado anterior, um carácter de meras oferendas de substituição quase seguramente não esgota o significado e o simbolismo destas peças, ideia que parece sair reforçada da exposição entre-

Fig. 9 – Representações de touros da Idade do Ferro do sul de Portugal (várias escalas): A. Touro da necrópole de Cinco Réis 8 (Beja) (seg. Arruda, 2016a); B. Touro da Biblioteca Nacional de Portugal (seg. Gomes, 2008); C. Touro do *thymiatērion* de Safara (Moura) (seg. Jiménez, 2002); D. Touro de Mourão (seg. Jiménez, 2002); E. Touro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal); F. Touro da Herdade de Corte Pereiro (Alcácer do Sal) (seg. Gomes, 1986); G. *Ex-voto* do Castelo de Alcácer do Sal (seg. Gomes, 2008).



tanto realizada, que evidencia um forte arriagem do motivo dos bovídeos na produção iconográfica da I Idade do Ferro do Sudoeste peninsular, por um lado, e uma estreita associação deste motivo à esfera funerária, por outro. Restaria assim salientar que o simbolismo religioso e funerário dos touros foi já amplamente reconhecido e discutido (cf. García-Gelabert & Blázquez, 1997; Arruda, 2016a). Desde logo, os bovídeos, símbolo de vitalidade e fecundidade (Chapa, 2005, p. 38), revestem-se também no período em apreço de um marcado carácter sacrificial (cf. Amores & Escacena, 2003).

Por outro lado, as figuras de touro de matriz oriental têm sido associadas a divindades masculinas de natureza celeste, nomeadamente

*Ba'al* y *Melqart* (García-Gelabert & Blázquez, 1997, pp. 418–420; Almagro, 2002; Escacena & Amores, 2011, pp. 120–121; v. tb. del Olmo, 1998, pp. 133; Ornan, 2001), associação que muito provavelmente terá encontrado um eco, direto ou indireto, entre as comunidades do Extremo Ocidente.

Existem assim fortes razões para pensar que a inclusão de figurações destes animais no âmbito funerário poderá responder a motivações de ordem simbólica e religiosa. Como é bem sabido, as divindades de natureza fecundante e regeneradora são frequentemente cooptadas no âmbito funerário, adquirindo aí um carácter de garante da vida eterna e/ou do renascimento. É plausível que este tipo de conceções se tenha difundido entre as comu-

nidades do Sudoeste Peninsular, justificando assim o vínculo dos bovídeos com a esfera da morte nesta área.

Lidas a esta luz, as terracotas do OSM poderiam combinar um aspeto sacrificial, fortemente sugerido pela sua deposição na própria pira — e que poderia ser extensível aos posteriores *ex votos* do Castelo de Alcácer do Sal (Gomes, 2008) —, e um aspeto simbólico, ligado a noções religiosas e escatológicas mais complexas cuja natureza exata em grande medida nos escapa. A sua deposição nas sepulturas revestir-se-ia assim de um valor acrescido, constituindo não apenas oferendas mas também elementos apotropaicos que evocariam a proteção divina no trânsito da morte.

#### 4. Considerações finais

As duas terracotas da necrópole do OSM, aqui estudadas monograficamente pela primeira vez, constituem uma adição mais a um *corpus* apesar de tudo significativo de manifestações iconográficas enquadráveis na I Idade do Ferro do sul do atual território português, *corpus* esse que tem vindo a aumentar de forma significativa, graças sobretudo às descobertas realizadas no quadro dos trabalhos de minimização da rede de rega do Alqueva (Santos & alii, 2009; Salvador & Pereira, 2012; Arruda, 2016a, 2016b).

Como ficou dito, estas peças integram-se, por um lado, numa tradição coroplástica heterogénea mas muito característica do sul do atual território nacional, relacionada predomi-

nantemente, senão mesmo de forma exclusiva, com a esfera funerária. Por outro lado, o motivo representado — os bovídeos, e quiçá mais especificamente os touros — enquadra-se numa tradição iconográfica bem documentada na região, transversal a várias produções artesanais.

As peças do OSM oferecem ainda o interesse acrescido de representarem, ao que parece, um elo entre as tradições estilísticas de origem oriental que caracterizam as mais antigas peças da I Idade do Ferro, e uma outra tradição figurativa, própria já da II Idade do Ferro e porventura influenciada pela arte Ibérica do Sudeste e do Levante.

A sua conceção formal e a sua putativa cronologia sugerem com efeito que estamos perante peças virtualmente situáveis na charneira entre a I e a II Idade do Ferro, que embora apresentem evidentes concomitâncias técnicas com a produção iconográfica, e particularmente coroplástica, da primeira metade do I milénio a.n.e., prefiguram já as novas convenções que se apreciam em peças mais tardias como o touro da Herdade de Corte Pinheiro (Gomes, 1986) ou os *ex-votos* do Castelo de Alcácer do Sal (Gomes, 2008).

Estas peças representam assim um dado relevante para a seriação e a compreensão global da diversa e heterogénea iconografia sidérica do sul do atual território português, ajudando a preencher um espaço de transição particularmente mal caracterizado e levantando questões sobre as continuidades e descontinuidades iconográficas em torno aos meados do I milénio a.n.e. que só novos trabalhos e novos achados poderão vir a elucidar.

#### Bibliografia citada

- AA.VV. (1996) – *De Ulisses a Viriato. O I.º milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- ALARCÃO, Jorge de; DELGADO, Manuela (1969) – *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades.* Lisboa: Ministério da Educação Nacional/ Biblioteca Nacional de Lisboa.
- ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) – *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura.* Madrid: Real Academia de la Historia.
- ALMAGRO GORBEA, Martín (2002) – *Melkart-Heracles matando al toro celeste en una placa ebúrnea de Medellín.* *Archivo Español de Arqueología.* 75, pp. 59–73.
- ALMAGRO GORBEA, Martín (2008) – *Objetos de marfil y hueso.* In ALMAGRO GORBEA, Martín, ed. – *La necrópolis de Medellín, II. Estudio de los hallazgos.* Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 401–512.
- ALMAGRO GORBEA, Martín; TORRES ORTIZ, Mariano (2010) – *La escultura fenicia en Hispania.* Madrid: Real Academia de la Historia.

- ALMEIDA, Fernando d'; FERREIRA, Octávio da Veiga (1967) – Fechos e placas de cinturão, hallstáticos, encontrados em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Série 3. 1, pp. 81–95.
- AMORES CARREDANO, Fernando; ESCACENA CARRASCO, José Luis (2003) – De toros y de tesoros: simbología y función de las joyas de El Carambolo. In GARCÍA-BAQUERO GONZÁLEZ, Antonio; ROMERO DE SOLÍS, Pedro, eds. – *Fiestas de toros y sociedad: actas del Congreso Internacional celebrado en Sevilla del 26 de noviembre al 1 de diciembre de 2001*. Sevilla: Universidad, pp. 41–68.
- ARRUDA, Ana Margarida (1999–2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII–VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, Ana Margarida (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:2, pp. 207–291.
- ARRUDA, Ana Margarida (2016a) – O touro da necrópole de Cinco Reis 8 (Beja, Portugal). *Rivista di Studi Fenici*. 44, pp. 371–380.
- ARRUDA, Ana Margarida (2016b) – À vol d'oiseau. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal. In SOUSA, Ana Catarina; CARVALHO, António; VIEGAS, Catarina, eds. – *Terra e água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: UNIARQ, pp. 403–424.
- ARTHUR, Maria de Lourdes Costa (1952) – Necrópolis de Alcácer-do-Sal (Colección del Prof. Dr. Francisco Gentil). In *Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional*. Zaragoza: Institución “Fernando El Católico”, pp. 369–380.
- AUBET SEMMLER, María Eugenia (1978) – Los marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir: I. Cruz del Negro. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. 44, pp. 15–88.
- AUBET SEMMLER, María Eugenia (1980) – Los marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir: II. Acebuchal y Alcantarilla. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. 46, pp. 33–92.
- AUBET SEMMLER, María Eugenia (1980–1881) – Marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir (y III), Bencarrón, Santa Lucía y Setefilla. *Pyrenae*. 17–18, pp. 231–280.
- BEIRÃO, Caetano de Mello (1986) – *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal (Ier Âge du Fer)*. Paris: De Boccard.
- BEIRÃO, Caetano de Mello; GOMES, Mário Varela (1984) – Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. In *Volume d'hommage au géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherches sur les Civilisations, pp. 450–482.
- BEIRÃO, Caetano de Mello; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. 4:3, pp. 45–136.
- BELÉN, María; GARCÍA MORILLO, María Carmen; BOBILLO, Ana Rut; ROMÁN, Juan Manuel (2004) – Imaginería orientalizante en cerámica de Carmona (Sevilla). *Huelva Arqueológica*. 20, pp. 149–170.
- CARDOSO, João Luís; ARRUDA, Ana Margarida (2016) – Faunas domésticas e rituais funerários em Alcácer do Sal. In VILAÇA, Raquel; SERRA, Miguel, eds. – *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades. Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas*. Coimbra: Universidade, pp. 193–218.
- CHAPA BRUNET, Teresa (1985) – *La escultura ibérica zoomorfa*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- CHAPA BRUNET, Teresa (1986) – *Influjo griego en la escultura zoomorfa ibérica*. Madrid: CSIC.
- CHAPA BRUNET, Teresa (2005) – Las primeras manifestaciones escultóricas ibéricas en el oriente peninsular. *Archivo Español de Arqueología*. 191–192, pp. 23–48.
- CHAPA BRUNET, Teresa; VALLEJO DELGADO, Luis Emilio (2012) – El toro orientalizante de Porcuna (Jaén). *Complutum*. 23:1, pp. 121–143.
- CORREIA, Vergílio (1972 [1925a]) – Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal. In *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade, pp. 151–168.
- CORREIA, Vergílio (1972 [1925b]) – Fechos de cinturão da Necrópole de Alcácer do Sal. In *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade, pp. 187–195.
- CORREIA, Vergílio (1972 [1925c]) – Um amuleto egípcio da Necrópole de Alcácer do Sal. In *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade, pp. 195–201.
- CORREIA, Vergílio (1972 [1928]) – Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. In *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade, pp. 169–179.
- CORREIA, Vergílio (1972 [1930]) – As fíbulas da Necrópole de Alcácer do Sal. In *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade, pp. 181–186.

- CORREIA, Virgílio Hipólito (1986) – Um bronze tartéssico inédito: o touro de Mourão. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*. 1, pp. 291–309.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1990–1992) – Notas sobre a torêutica orientalizante em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Série 4: 8–10, pp. 247–258.
- CORREIA, Virgílio Hipólito; PARREIRA, Rui; SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2013) – *Ourivesaria Arcaica do Território Português*. Lisboa: CTT.
- DEL OLMO LETE, Gregorio (1998) – *Mitos, leyendas y rituales de los semitas occidentales*. Barcelona: Universitat.
- DEUS, Manuela de; CORREIA, José (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. In CELESTINO PÉREZ, Sebastián; JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, eds. – *El Período Orientalizante*. Madrid: CSIC, pp. 615–618.
- ESCACENA CARRASCO, José Luis; AMORES CARREDANO, Fernando (2011) – Revestidos como Dios manda. El Tesoro del Carambolo como ajuar de consagración. *SPAL*. 20, p. 107–141.
- FABIÃO, Carlos (1998) – *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do actual território português*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Volumes. Edição policopiada.
- FRANKENSTEIN, Susan (1997) – *Arqueología del colonialismo. El impacto fenicio y griego en el sur de la Península Ibérica y el suroeste de Alemania*. Barcelona: Crítica.
- GARCÍA-GELABERT PÉREZ, María Paz; BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María (1997) – Carácter sacro y funerario del toro en el mundo ibérico. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. 18, pp. 417–442.
- GOMES, Esmeralda (2008) – *Os ex-votos proto-históricos do Castelo de Alcácer do Sal*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Volumes. Edição policopiada.
- GOMES, Francisco B. (2015) – The Olival do Senhor dos Mártires necropolis (Alcácer do Sal, Portugal) in the context of the Iron Age funerary practices of the Southwestern Iberian Peninsula. In ROCHA, Leonor; BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BRANCO, Gertrudes, eds. – *Death as archaeology of transition: thoughts and materials*. Oxford: Archaeopress, pp. 327–341.
- GOMES, Francisco B. (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na Idade do Ferro do Sul de Portugal (sécs. VIII–V a.n.e.): os dados do registo funerário*. Tese de Doutoramento no Ramo de História, na especialidade em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- GOMES, Mário Varela (1986) – O touro da Herdade de Corte Pereiro (Alcácer do Sal). *Trabalhos de Arqueologia do Sul*. 1, pp. 59–73.
- GRAELLS I FABREGAT, Raimon; JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; NICOLÁS MASCARÓ, Joan C. de (2014) – Un toro de bronce orientalizante en Menorca. *Lxcentum*. 33, pp. 41–50.
- GRILO, Carolina (2007) – A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja. *Vipasca*. 2:2, pp. 261–268.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2002) – *La toréutica orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- LE MEAUX, Hélène (2011) – *L'iconographie orientalisante de la Péninsule Ibérique. Questions de styles et d'échanges (VIII – Vie siècles av. J.-C.)*. Madrid: Casa de Velázquez.
- NICOLINI, Gérard (1969) – *Les bronzes figurés des sanctuaires ibériques*. Paris: Presses Universitaires de France.
- NICOLINI, Gérard (1991) – *Techniques des ors antiques. La bijouterie ibérique du VIIe au IVe siècle*. Paris: Picard.
- ORNAN, Tallay (2001) – The bull and its two masters: moon and storm deities in relation to the bull in Ancient Near Eastern art. *Israel Exploration Journal*. 51, pp. 1–26.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*. Tese de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Série 4. 1, pp. 273–286.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (2014) – *A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)*.

- Novos elementos para o seu estudo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, pp. 429–460.
- PEREA, Alicia (1991) – *Orfebrería prerromana: arqueología del oro*. Madrid: Consejería de Cultura de la Comunidad de Madrid.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1962) – *Greek Vases in Portugal*. Coimbra: Universidade.
- PONTE, Salete da (1985) – Algumas fíbulas de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Série 4. 3, pp. 137–154.
- PRADOS TORREIRA, Lourdes (1992) – *Exvotos ibéricos de bronce del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid: Dirección General de los Museos Estatales.
- ROUILLARD, Pierre; PAIXÃO, António Cavaleiro; VILLANUEVA PUIG, Marie-Christine; DURAND, Jean-Louis (1988–9) – Les vases grecques d’Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Série 4. 6–7, pp. 43–108.
- SALVADOR MATEOS, Rosa; PEREIRA, José António (2012) – A “Necrópole” da Carlota (São Brissos, Beja) no contexto cultural da I Idade do Ferro no Baixo Alentejo: dados preliminares. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste*. Almodôvar: Câmara Municipal, pp. 317–330.
- SANTOS, Filipe; ANTUNES, Ana Sofia; GRILLO, Carolina; DEUS, Manuela de (2009a) – A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo. In *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad, pp. 746–804.
- SCHÜLE, Wilhelm (1969) – *Die Meseta-kulturen der Iberischen Halbinsel: Mediterrane und eurasische Elemente in früheisenzeitlichen Kulturen Südwesteuropas*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da (1875) – Uma necrópolis romana em Portugal. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*. 6, p. 91.
- TORRES ORTIZ, Mariano (1999) – *Sociedad y mundo funerario en Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da (2005 [1891]) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Volume 4. Faro: Universidade do Algarve.